

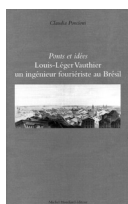
Um Engenheiro Francês no Brasil (Re)descobrimo Louis-Léger Vauthier

Claudia Poncioni. *Ponts et idées: Louis-Léger Vauthier, un ingénieur fouriériste au Brésil, Pernambouc (1840-1846...)*. Paris: Michel Houdiard Éditeur, 2009

Izabel Andrade Marson

Professora do Departamento de História
do Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unicamp.

Resultado do exaustivo trabalho de pesquisadores e colaboradores franceses e brasileiros dirigido por Claudia Poncioni, da Universidade de Paris Ovest-Nanterre La Défense, o livro *Ponts et idées: Louis-Léger Vauthier, un ingénieur fouriériste au Brésil, Pernambouc (1840-1846...)* teve patrocínio das universidades de Rennes 2-Haute Bretagne, Paris Ovest-Nanterre La Défense e da École Nationale de Ponts et Chaussées-Paris Tech (Escola Nacional de Pontes e Calçadas), integrando as comemorações do ano da França



no Brasil. Foi lançado em outubro de 2009, no colóquio internacional sobre o tema realizado na Fundação Joaquim Nabuco.

Conforme texto introdutório elaborado pela autora, “Un ingénieur fouriériste au Brésil”, o objetivo mais amplo da obra é apresentar aos leitores franceses um importante e, para eles, desconhecido personagem que, além do Brasil, atuou na Europa como engenheiro e discípulo de Charles Fourier, em período marcante da história da França – nas circunstâncias da

Revolução de 1848, do segundo Império e da Comuna de Paris (1870). O livro visa ainda, e especialmente, (re)apresentá-lo aos brasileiros, que o conhecem, desde a década de 1940, pela iniciativa de Gilberto Freyre, “descobridor” e divulgador do *Diário* e de outros escritos de Vauthier no Brasil. Assim, Freyre redigiu notas adicionais ao que denominou *Diário íntimo do engenheiro Vauthier e às Cartas sobre as “Casas de residência do Brasil”*, também promovendo sua publicação, com apoio de Rodrigo de Melo Franco, pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN). As *Cartas* e, sobretudo, o *Diário* – manuscrito doado a Freyre por Paulo Prado, que registra a vivência de Vauthier na província de Pernambuco (1840-1846), onde trabalhou como chefe da Repartição de Obras Públicas – inspiraram o livro *Um engenheiro francês no Brasil*, ensaio de 1940 no qual Freyre explicou a presença, o desempenho e os motivos das resistências da sociedade pernambucana ao jovem engenheiro francês.

No intuito de entender historicamente o interesse de Freyre por Vauthier e seus comentários sobre o *Diário* e as *Cartas*, historiar as publicações brasileiras relativas ao personagem, assim como explorar temas e significados imbricados naqueles documentos, o livro tem início com três estudos de especialistas na obra de Vauthier, na de Freyre e na história urbana do Recife – respectivamente, Claudia Poncioni, Antonio Dimas (da Universidade de São Paulo) e

Virgínia Pontual (da Universidade Federal de Pernambuco). As três partes que se seguem divulgam o rico acervo constituído nas experiências brasileira e europeia do engenheiro, conferindo grande tangibilidade e visibilidade à sua trajetória. Nesse sentido, o livro edita, pela primeira vez em língua francesa, o manuscrito do *Diário*. Também reedita as *Cartas*; explora a correspondência familiar e profissional de Vauthier, seus pronunciamentos políticos e técnicos, além de documentos oficiais; organiza sua eclética produção intelectual em jornais e revistas especializadas. E ainda incorpora uma bem cuidada iconografia de alguns lugares onde Vauthier viveu e atuou – Recife, Vannes (Bretanha) e Bergerac (Dordonha) –, de projetos que construiu e de pessoas com quem conviveu; um quadro genealógico da família Vauthier e uma cronologia dos principais eventos políticos da França e do Brasil entre 1807 e 1871. A documentação sobre Vauthier, pacientemente reunida e organizada com a colaboração de Guillaume Saquet (da École de Ponts et Chaussés), Georges Orsoni (da Universidade Rennes 2-Haute Bretagne) e da família do engenheiro, foi utilizada de diferentes formas por Claudia Poncioni, possibilitando, assim, a (re)composição bem fundamentada das diversas faces do personagem, das etapas de seu percurso profissional e da teia de suas relações pessoais, políticas e intelectuais no Brasil e na Europa, metas importantes do livro. A primeira parte, “Le Brésil vu par Louis-Léger Vauthier”, reuniu o *Journal Personnel*

e as *Lettres sur les "Maisons d'habitation au Brésil"*, estas últimas originalmente publicadas na França, em 1853, por César Daly (amigo e correligionário fourierista de Vauthier) na *Revue générale de l'Architecture et des travaux publics*. Os textos, sobretudo o *Journal*, receberam novas e sugestivas notas preparadas pela autora, as quais ampliaram significativamente as informações e os comentários de Freyre à edição de 1940. Dessa forma, esclareceram expressões francesas e brasileiras, situações, pessoas, e recompuseram a rede de relacionamentos de Vauthier no Brasil (com brasileiros e membros da colônia francesa do Recife) e na França (destacando-se os integrantes da escola societária), desdobrando, assim, as potencialidades desses documentos.

A importância do conteúdo imbricado nessas fontes e revelado nas notas demonstra-se na segunda parte da obra, "Autour de Louis-Léger Vauthier", em que Claudia Poncioni faz elucidativo "Esboço biográfico" do engenheiro. Para isso, retomou e extrapolou as circunstâncias referidas no *Journal*, às quais associou muitos outros dados recolhidos na correspondência pessoal, em documentos franqueados pela família Vauthier ou localizados em arquivos franceses e brasileiros, além daqueles obtidos em pesquisa bibliográfica. A exploração desse acervo comprovou, entre outras constatações, os vínculos sansimonianos e fourieristas e as preocupações cívicas de muitos egressos da Polytechnique de Paris e da École des

Ponts et Chaussés, matrizes que iriam reverberar nas atividades de Vauthier como engenheiro, escritor, propagador das propostas da escola societária, estudioso das questões técnicas, econômicas e sociais em diferentes lugares do "velho" mundo (na França, Espanha e Suíça) e do Brasil.

Nesse "Esboço", a trajetória de Vauthier se transfigurou, sem esquematismos, em testemunho de alguns acontecimentos do Império brasileiro e, sobretudo, dos turbulentos episódios da história da França entre 1848 e 1870. É possível perceber, então, seu adverso e movimentado percurso, marcado pelas dificuldades de sustento da numerosa família; do trabalho como engenheiro; da situação dos políticos democratas socialistas e republicanos, aprisionados, condenados e deportados em 1849, no início do governo do presidente, depois imperador, Luís Napoleão Bonaparte. É nesse trecho da obra que se projetam com mais clareza sua formação humanista e os compromissos fourieristas provindos da formação na Polytechnique e na École des Ponts et Chaussés, assim como os estreitos vínculos da família Vauthier com aquelas instituições e seu ideário. Dessa maneira, a solidez e a constância de suas ligações com os princípios, procedimentos e metas da escola societária de Fourier – proposição central do livro – se explicitam no "Esquisse biographique", no capítulo "Fourier e o fourierismo" e no arrolamento das 170 obras preparadas ao longo da vida profissional de Vauthier, em especial

artigos e projetos publicados em jornais, revistas especializadas e congressos.

A terceira parte do livro, “Gilberto Freyre lecteur de Vauthier”, fornece interpretações do *Diário*, das *Cartas* e de seu autor criadas por Freyre no contexto nacionalista e de formação identitária do país dos anos 1940 e 1960, leituras ainda hoje dominantes sobre a memória da experiência do engenheiro no Brasil. Ela agregou o prefácio (de 1939) e a introdução do *Diário íntimo* (de 1956); notas do mesmo texto feitas para a primeira edição (de 1940); introdução e notas das *Cartas sobre as “Casas de residência do Brasil”* (de 1943 e 1956), textos recolhidos da segunda edição de *Um engenheiro francês no Brasil* (1960), da editora José Olympio. No prefácio, Freyre concebeu o *Diário* como testemunho de um “processo de alteração de uma cultura pela outra”, decorrência de um “choque de culturas” – a francesa e a da sociedade pernambucana de meados do XIX –, esta última eivada de nacionalismo e ressentida com o prestígio do jovem engenheiro francês e de sua equipe. Além disso, o documento anotaria “virtudes e defeitos” do país de origem dos recém-chegados, “grandes e pequenas intolerâncias e incompreensão” (p. 305-308). Já na introdução às *Cartas*, observou “o desejo” do autor de “compreender as tradições brasileiras no domínio das artes, do trabalho, da higiene das habitações, da vida da família”, e considerou seus escritos um registro “precioso para o estudo do passado brasileiro e para a in-

terpretação do caráter nacional” (p. 341). Assim, Vauthier seria um “precursor da harmonização entre a tradição e a modernidade que caracterizava o fim do XIX” e um “pioneiro na arte de adaptar a técnica francesa de construção, enriquecida pelo processo industrial, às tradições regionais” do nordeste do Brasil (p. 311). Em outros termos, o “engenheiro de pontes e ideias” seria um “harmonizador”, precursor de uma leitura conciliadora sobre as instituições brasileiras – da escravidão (percebida como a “mais branda da América”) e das habitações –, teses que Freyre desenvolveria em *Casa-grande e senzala* (1933) e *Sobrados e mucambos* (1936).

É justamente no contraponto entre as imagens de Vauthier, delineadas na segunda e terceira partes do livro, que se ilumina plenamente a proposição da autora no estudo introdutório, qual seja, a de “restaurar a autoridade de Louis-Léger Vauthier” sobre o *Diário* e as *Cartas*, “às vezes oculta sob as asas protetoras” do ensaio e dos comentários de Freyre (p. 8), seu divulgador no Brasil. Quais seriam os possíveis sentidos dessa consideração?

Inicialmente, esclarecer que Vauthier escrevera um *Diário pessoal* – não destinado originalmente à publicação – “mais que” um *Diário íntimo*, conforme entendera Freyre. O perfil de *Diário pessoal* poderia ser reconhecido em muitos vestígios, a começar pelo fato de não “oferecer uma visão puramente subjetiva do mundo exterior”, “dar ao eu uma consistência” “sem se deter sobre qualquer exame de consciência” ou

fazer referência “à moral cristã e à noção de pecado”. Por outro lado, os pressupostos e o método ali inscritos insinuam o discípulo de Charles Fourier: o escritor denota uma “educação laica” e se mostra “apaixonado deste espírito científico e curioso que o leva não somente a anotar suas impressões, mas sobretudo a descrever e analisar o mundo exterior no sentido de compreendê-lo”. Também registra o empenho em “sistematizar, organizar de forma racional, as emoções e sensações”; em decifrar “as realidades de uma sociedade escravista na qual as ideias de progresso e de abertura começavam a abrir caminho”; em realizar uma “crônica de aprendizagem do meio tropical – calor, paisagens, vegetação, higiene, alimentação”, e comentar as relações sociais e profissionais, nem sempre fáceis, com as autoridades locais e com a colônia francesa do Recife. Enfim, o *Diário* “ajuda a compreender como circulou o pensamento de Fourier e qual foi sua capacidade de atração sobre os indivíduos” (p. 10-11).

Indo muito além das figuras do “harmônizador” de culturas e temporalidades,

do arguto observador das instituições brasileiras ou, ainda, do “precursor” de teses conciliadoras – e interrogando-as, mesmo –, ao (re)compor, mediante acurada pesquisa, as diferentes faces e momentos do percurso do militante da escola societária de Fourier, as conclusões de Claudia Poncioni (re)significaram a expressão “engenheiro de pontes e ideias” celebrizada por Freyre. Assim, Vauthier teria cumprido uma trajetória constante e intensa, compromissada com “o progresso da humanidade” e coerente com as expectativas do profissional humanista e utopista do século XIX, em especial dos formados pela Polytechnique e pela École des Ponts et Chaussés. Nesse sentido, o *Diário* e os estudos introdutórios mencionados demonstram que, enquanto esteve em Pernambuco, atuou empenhadamente na distribuição das publicações fourieristas, na imprensa, na confecção de mapas, no planejamento urbano e na construção de residências, do teatro da cidade do Recife (o Santa Isabel) e de estradas daquela província. Por sua vez, suas reflexões



Detalhe da capa do livro *Ponts et idées*, sobre o engenheiro Louis-Léger Vauthier

nas *Cartas* comprovam que “tratava-se de demonstrar que a arquitetura é antes de tudo resultado da relação entre o homem e o espaço construído, relação que devia poder ser direcionada para a transformação da sociedade” (p. 14). Não por acaso, os escritos do engenheiro francês, e o livro que

ora os reedita, incentivam, como desejou a autora, um profícuo e instigante diálogo com leitores e estudiosos de vários países e especialidades, particularmente com a literatura, a sociologia, a antropologia e as histórias do urbanismo, do Brasil Império, da França e da Europa.

Recebido em 29/12/2009

Aprovado em 28/6/2010